

MARCELO SERAPHIN DE OLIVEIRA HOTTZ – DO MUNDO AUTISTA AO MUNDO DOS FÁRMACOS

Gicele Faissal de Carvalho¹; Maria Lúcia Marra Smolka²

Em 2008, o estudante iniciou o ensino médio no Colégio Estadual Presidente Bernardes. Nesse segmento, poucos professores tinham conhecimento sobre o TEA, porém, alguns docentes tiveram a sensibilidade de perceber no estudante alguns traços do autismo e fizeram um encaminhamento para o atendimento fonoaudiológico, com a duração de 03 anos.

As dificuldades enfrentadas na passagem pelos ensinos fundamental e médio foram diversas, além disso a escola não tinha espaço de atendimento aos alunos com necessidades especiais e em 2013 concluiu o ensino médio. No ano seguinte, um novo caminho estava aparecendo. Em conversa com uma parenta formada em Farmácia e Pedagogia encontrou incentivo para prestar o vestibular para o curso de Farmácia do UNIFESO.

Uma dificuldade apresentada pelo estudante é a disgrafia e nesse contexto, a instituição possibilitou uma prova oral ministrada por uma professora. Com isso pôde ser avaliado quanto a sua capacidade em ingressar em um curso de nível superior.

Em 2014, iniciou o curso de Farmácia no modelo curricular anualizado. O processo de adaptação a uma nova vida acadêmica foi muito difícil, um ambiente social diferente, um espaço físico desconhecido, uma logística a ser enfrentada e um curso com muitas informações até então desconhecidas. Nesse primeiro momento o encontro com o corpo docente também proporcionou novos desafios a serem superados. O comportamento agitado e muitas vezes hiperativo mostrou que a relação aluno/professor não seria uma tarefa fácil. Muitos não conheciam o TEA e com isso o estudante teve que superar muitas dificuldades.

O processo de ensino e aprendizagem ficava comprometido. A relação com a turma era complicada, novas amizades tiveram que ser conquistadas. Na primeira semana de aula, o curso promoveu encontros para a apresentação dos ambientes e possibilitar o primeiro contato com os novos colegas. Infelizmente não pode participar, o que dificultou um pouco mais o seu início, se sentia “um peixe fora d’água”. Mas, com o passar dos dias a relação com os novos amigos foi melhorando. A visita a coordenação do curso e conhecer todo o corpo administrativo, trouxe uma sensação de acolhimento e um sentimento de maior segurança.

Em 2015, o UNIFESO lança o Programa de Acessibilidade e o estudante inicia o acompanhamento psicopedagógico no Núcleo de Atendimento Psicopedagógico e Acessibilidade (NAPPA).

As legislações vigentes Lei do Autismo (12.764/12) e a Política Nacional de Educação Inclusiva de 2008 validaram algumas ações em favor do aluno para que este pudesse melhorar o desempenho acadêmico (diminuição de disciplinas da grade horária e avaliações orais). Com essas medidas, foi possível uma melhor adaptação facilitando o conhecimento dos novos aprendizados, ou seja, houve um ganho considerável no desempenho acadêmico.

A dificuldade apresentada pela disgrafia levou no início um desconforto para os professores. Nesse momento a participação do NAPPA foi fundamental. Os professores não conseguiam entender o que o aluno escrevia e nesse momento, essa era a grande barreira a ser ultrapassada.

1 Mestrado em Ciências da Saúde e Ambiente pelo Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI); Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Coorientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

2 Mestrado em Ensino de Ciências pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ); Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Psicóloga do Núcleo de Apoio Psicopedagógico e Acessibilidade (NAPPA).

O curso dispôs de vários espaços de aprendizagem integrando a teoria e prática e nesses espaços, o estudante realizou algumas atividades, que segundo o seu relato, comprovam os desafios e avanços no seu desempenho acadêmico.

Algumas situações no processo de ensino e aprendizagem ficaram mais complicadas pela falta de conhecimento de alguns professores em relação ao TEA, que provocavam no estudante muito incômodo devido ao excesso de estímulos além do normal. Relatou que devido a carga horária excessiva de disciplinas, alguns laboratórios eram verdadeiros “testes de paciência”, pois as disciplinas ainda eram difíceis para a sua compreensão e pareciam “salas de reatores nucleares” onde os equipamentos eram desconhecidos ficando distantes da sua realidade.

O tom de voz mais equilibrado dos professores deixava-o mais calmo fazendo com que ele conseguisse aprender melhor. Porém, muitas vezes sons externos confundiam a compreensão das explicações dos professores devido a hiperssensibilidade auditiva própria do TEA.

No segundo ano, ele iniciou o atendimento no NAPPA para auxiliar na organização dos estudos, acompanhar o seu desempenho acadêmico e como a instituição já contava com o Programa de Acessibilidade, a psicóloga que o atendia fez o encaminhamento para um profissional especializado iniciando então um tratamento medicamentoso com um NeuroPsiquiatra, para ajudá-lo na concentração e nos problemas com o sono. O estudante relatou que tinha crises de sono durante as aulas e distraía-se com facilidade, muitas vezes perdendo as explicações dos professores.

Quanto ao tratamento com medicamentos, já fazia mais efeito e o acompanhamento no NAPPA lhe dava mais segurança. Ainda assim algumas disciplinas apresentavam dificuldades de compreensão e o estudante precisou de um tempo maior para reorganização e de dar prioridade das disciplinas para que ele pudesse finalizá-las.

No terceiro ano, a psicóloga do NAPPA que o atendia, em conversa com o coordenador do curso, indicou-lhe a avaliação oral, com gravação, que amparava legalmente essa forma para atendê-lo nas suas necessidades acadêmicas, visto que ele apresentava muita dificuldade na escrita, pois ele tem disgrafia e suas avaliações ficavam incompreensíveis, dificultando a correção e a avaliação do conhecimento do aluno.

Outra questão percebida pelo estudante no terceiro ano foi sobre o relacionamento com os colegas da turma com os professores, pois alguns não conseguiam compreender suas opiniões. Então, buscou uma melhor harmonização na sala de aula, pois devido a sua hiperssensibilidade acabou percebendo as emoções e sentimentos irradiados. Nesse momento sentia uma maior segurança, mais acolhido pelos professores, pelos colegas e pelos funcionários, tornando uma boa experiência, o ambiente acadêmico.

Neste ano, iniciou o estágio conhecendo o local, tendo acesso aos prontuários e identificar as doenças prevalentes na comunidade junto com os agentes comunitários de saúde. Foi uma experiência muito boa, pois ele teve uma interação com alguns pacientes.

Os estágios em vários locais, deu a Marcelo, oportunidades de aprendizado e interação com vários profissionais da saúde e muitos pacientes em visitas domiciliares. Foram momentos em que o estudante fez boas amizades, conheceu as necessidades dos pacientes em relação ao acolhimento e o entendimento dos seus pontos de vista sobre a latrofobia (síndrome do jaleco branco).

As disciplinas no ambiente virtual também foram desafios apresentados e alguns não foram superados. Com a ajuda do NAPPA teve apoio do coordenador do EaD UNIFESO para sanar algumas dúvidas, reforçados por novas orientações e treinamentos. Depois desse encontro participou melhor das aulas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), sempre com apoio via WhatsApp da equipe do EaD.

Este trabalho mostrou a trajetória do estudante na transição do ambiente escolar (escolas municipais e estaduais) para o ambiente universitário, mostrando também suas dificuldades e lutas ao longo desse período, assim, como um trabalho de conscientização para a importância da inclusão de pessoas com necessidades especiais dentro desses ambientes.

As experiências do estudante no curso de Farmácia do UNIFESO foram de suma importância para compreendermos a necessidade de se pensar a inclusão nas universidades e/ou mercado de trabalho e, também, a função que a universidade possui frente à sua responsabilidade social para com as pessoas com necessidades especiais.

DEPOIMENTO DA PSICÓLOGA MARIA LÚCIA M. SMOLKA DO NAPPA

O estudante Marcelo chegou ao NAPPA quando estava cursando o 2º período do Curso de Farmácia e foi trazido por uma docente, que percebeu nele algumas dificuldades logo no início da sua vida acadêmica, principalmente, em relação a sua caligrafia e a alguns tipos de atividades e avaliações específicas do módulo.

A partir de então, o estudante começou a frequentar o NAPPA, e logo em seguida, foram feitos os pactos referentes ao Acompanhamento Psicopedagógico disponibilizado. Dessa forma, nos vimos diante de um desafio, pois foi o primeiro estudante com o Diagnóstico de Síndrome de Asperger (TEA), que recebemos na Instituição.

Os atendimentos do Marcelo aconteceram ao longo de todo o Curso, sempre buscando viabilizar um melhor resultado dos seus processos de construção de conhecimento e formação no Curso escolhido. Porém, levando em conta a integralidade do estudante, muitas vezes fiz a escuta e o acolhimento de algumas questões da sua vida pessoal.

Ao longo do Acompanhamento Psicopedagógico do estudante, fomos descobrindo melhores estratégias de aprendizagem e formatos de avaliação, que incluíram algumas provas orais. Dessa forma o estudante foi conseguindo avançar nos períodos do Curso, trazendo sempre as maiores dificuldades para serem trabalhadas no NAPPA.

Cabe ressaltar que em vários momentos nos deparamos com a necessidade de uma abordagem junto com a família, e também em algumas situações foram feitas reuniões com os docentes do estudante. Tudo isso contribuiu imensamente na trajetória acadêmica do estudante e no sucesso da conclusão do Curso de Farmácia.

Ressalto ainda que Marcelo sempre foi um estudante dedicado, colaborativo e assíduo ao longo de todo o tempo que foi acompanhado pelo NAPPA. Acredito o curso superior para ele foi uma conquista e uma vitória, assim como muito gratificante para nós, que tivemos a oportunidade de fazer esse caminho com ele.

DEPOIMENTO DA PEDAGOGA GICELE FAISSAL DE CARVALHO – COORIENTADORA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Durante os encontros de orientação para a escrita do TCC, Marcelo sempre chegava bem-humorado e muito interessado em registrar os seus momentos no ensino superior. Nem os desafios que encontrou pelo caminho, não tiraram a sua alegria nem a vontade de estudar.

Sempre muito comunicativo, ele conseguia se aproximar das pessoas, resolver os problemas que encontrava, do seu jeitinho, e contava com desenvoltura, suas histórias da academia, dos estágios e da igreja.

Foram momentos muito intensos, de alegria a cada passo dado com sucesso durante as pesquisas e de encontros interiores, no resgate das memórias durante os anos na educação básica. Lembrar das dificuldades, dos professores que perceberam o seu problema, da chegada ao campus Quinta do Paraíso do UNIFESO, de fazer novas amizades no curso de Biologia, de compreender os seus limites, de ter grandes oportunidades nos estágios, enfim, de ter acesso, acompanhar e concluir o curso de Farmácia.

Seu trabalho de conclusão do curso, teve como título: A experiência de um estudante autista no ensino superior: desafios e avanços.